



# BOAS PRÁTICAS

## Nova onda de sequestros de revistas

Sites clonados de periódicos continuam a enganar autores desavisados e levam pesquisadores a oferecer dicas para identificar a contrafação

**P**esquisadora da Universidade Livre de Berlim, a economista russa Anna Abalkina está investigando o alcance e o impacto de um tipo cada vez mais sofisticado de fraude: o sequestro de revistas científicas. Trata-se de um golpe no qual impostores apropriam-se de títulos de periódicos legítimos e passam a explorá-los em sites na internet, em geral oferecendo a chance de publicação de artigos sem a necessidade de uma avaliação criteriosa, apenas em troca de dinheiro. O embuste não é uma novidade. Os primeiros casos têm mais de uma década e há listas que compilam dezenas de revistas atingidas pelo golpe, que são usadas para alertar autores incautos.

Abalkina reuniu dados mostrando que há uma nova onda de sequestro de periódicos cujos efeitos são perversivos a ponto de o conteúdo fraudulento de títulos clonados ser considerado como legítimo em bases de dados de publicações científicas. Em um estudo divulgado em junho na plataforma ResearchGate, e ainda não revisado por pares, a economista compilou uma relação de 17 revistas que foram alvo desse tipo de fraude no passado recente e tiveram artigos indexados na base Scopus. Vários deles são periódicos antigos, existentes só em versão impressa. Os fraudadores criam um site falso que parece ser o oficial. No *preprint*, a pesquisadora convida colegas a informar eventuais outros casos e contribuir com seu esforço de investigação.

Ela estudou detidamente um dos casos, o do periódico *Annals of the Romanian Society for Cell Biology*, da Romênia, que deixou de ser publicado em 2018. Malfeitores criaram um domínio na internet em outubro de 2020 e utilizaram o mesmo registro ISSN. Mas o conselho editorial é fictício. Não se sabe o paradeiro do editor-chefe, Ryon Oelen. A instituição a que ele declara ser afiliado, a Universidade Wageningen, nos Países Baixos, diz que ele não pertence a seu corpo docente. Uma busca na internet associa seu nome a uma outra revista recentemente sequestrada e especializada em engenharia, a *Converter*. Quem percebeu primeiro a contrafação foi o estudante Dmitry Dubrovsky, que estranhou a publicação em uma revista sobre biologia celular de um artigo sobre a resistência russa à invasão nazista na Segunda Guerra. A versão clonada dos *Annals of the Romanian Society for Cell Biology* já publicou mais de 5 mil artigos em 2021, cobrando dos autores US\$ 200 por *paper*.

Pesquisadores de três países – Índia, Iraque e Uzbequistão – se destacavam entre os autores do conteúdo adulterado do periódico, o que não foi uma surpresa para Abalkina. Ela analisou um conjunto de manuscritos de revistas clonadas que conseguiram enganar a base Scopus e chegou aos mesmos três países. No caso do Uzbequistão, chamou a atenção o fato de 41% de todos os artigos de autores do país indexados em 2021 na base de dados terem origem fraudulenta.

A plataforma Scopus demorou a perceber a fraude e, inadvertidamente, chegou a indexar artigos publicados no site clonado como se fossem legítimos. Um artigo publicado por pesquisadores paquistaneses na *PLOS ONE* e outro por chineses no *Journal of Supercomputing*, da Springer Nature, citaram nas referências bibliográficas *papers* da revista clonada da Romênia, em uma evidência de que esse tipo de golpe pode ter repercussão na comunicação científica. “A criação de uma lista atualizada regularmente de periódicos sequestrados representa um desafio para a comunidade e a

comunicação acadêmica a fim de evitar que mais autores sejam enganados”, escreveu Abalkina em um texto produzido para o site Retraction Watch.

Identificar um periódico clonado pode ser trabalhoso. Entre os cuidados obrigatórios, destacam-se consultar listas de revistas que foram alvo de sequestro e verificar se o endereço na internet atribuído à publicação corresponde ao informado por bases de dados como a Web of Science ou a Scopus. Mas há outras pistas que ajudam a evitar o engodo.

O cientista da computação Varun Menon, pesquisador de um grupo privado de instituições de ensino superior da Índia, decidiu investigar as características comuns das revistas sequestradas após um colega cair em um golpe. O amigo recebeu um e-mail de uma revista de boa reputação em ciências da Terra convidando-o a submeter manuscritos. O periódico em questão, chamado *Jokull*, pertence à Sociedade Glaciológica da Islândia e está listado no *Journal of Impact Factors* (JIF), ferramenta da empresa Clarivate usada para avaliar o número de citações de milhares de periódicos. Não passou pela cabeça do pesquisador que o bem construído site da publicação, ao qual o e-mail remetia, fosse falso.

Depois de analisar os sites clonados, Menon reuniu alguns elementos que ajudam a identificá-los e publicou um artigo sobre o tema na revista *Library Hi Tech News*. Segundo o cientista da computação, alguns têm arquitetura precária e contêm apenas o espaço para submissão de artigos – esses são relativamente fáceis de identificar. “Outros sites são mais caprichados, mas é possível ficar atento a certos sinais. O pesquisador recomenda, por exemplo, que os autores tentem baixar e analisar artigos já publicados pelo periódico. Revistas sequestradas difundem artigos de péssima qualidade, sem submetê-los a uma revisão por pares genuína, e isso transparece até mesmo na linguagem dos *papers*, não raro repletas de erros gramaticais ou de digitação. Também é comum que títulos clonados não disponham dos arquivos das publicações originais. Quando alguém tenta fazer um download de um *paper* antigo, é informado que ele só pode ser fornecido sob demanda, via e-mail.

Outras características são convergentes com a dos periódicos predatórios, aquelas revistas de má qualidade que aceitam difundir qualquer tipo de manuscrito em troca de dinheiro. Publicações sequestradas em geral trabalham com prazos curtíssimos de revisão por pares, que na verdade não é realizada, divulgam o *paper* apressadamente sem solicitar modificações e são rápidas na cobrança. Outro traço comum é a abrangência exagerada. Alguns títulos são evasivos sobre os temas de interesse e topam publicar artigos em múltiplas áreas, bastando pagar por isso. ■

Fabrcio Marques

## O peso da má conduta acadêmica na política alemã

**M**á conduta acadêmica tornou-se um tema sensível na política da Alemanha, o país da União Europeia que ostenta a maior proporção de membros do Parlamento com título de doutorado: 17% do total. Casos de plágio em teses já levaram à renúncia de ao menos três membros do gabinete nos 16 anos de governo da chanceler Angela Merkel. O exemplo mais recente é o da ministra da Família da Alemanha, Franziska Giffey, que renunciou ao cargo no dia 19 de maio desgastada por um longo escândalo relacionado à sua vida acadêmica. Em 2019, ela recebeu uma reprimenda da Universidade Livre de Berlim, após uma investigação constatar que ela plagiou trechos de sua tese de doutorado em ciência política, defendida em 2010. Na ocasião, a universidade optou por manter seu título de doutora, com a alegação de que os pedaços copiados não comprometiam a originalidade do trabalho. Mas, após receber críticas pela decisão, a instituição reabriu o caso e concluiu uma nova investigação em

junho. Antes que se tornasse público o veredicto sobre a revogação de seu doutorado, Giffey, de 43 anos, decidiu deixar o ministério. “Mantenho a afirmação de que escrevi meu trabalho da melhor maneira possível. Lamento ter cometido erros”, disse ela, que por enquanto manteve a candidatura a prefeita de Berlim pelo Partido Social-democrata, em setembro.

A reabertura do caso de Giffey foi estimulada por uma campanha da plataforma colaborativa VroniPlag Wiki, que já rastreou quase 200 teses de doutorado da Alemanha em busca de casos de plágio e foi responsável por denunciar diversos políticos. Em 2011, quando foi criada, a iniciativa provocou a queda do ministro da Defesa, Karl-Theodor zu Guttenberg, cuja tese em direito constitucional, defendida na Universidade de Bayreuth em 1999, tinha oito trechos copiados de outros trabalhos sem atribuição da fonte. Guttenberg perdeu o cargo e o título de doutor.

Pelo menos sete parlamentares tiveram o título revogado em 2011 também graças ao trabalho da plataforma. Na tese

de um deles, Georgios Chatzimarkakis, apresentada em 2000 na Universidade de Bonn, 71% das páginas continham algum trecho copiado. Mas há também casos de políticos que conseguiram contornar as denúncias, como a atual presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. A VroniPlag Wiki constatou em 2016, quando Leyen era ministra da Defesa, que 12% das páginas de sua tese de doutorado, defendida na Escola Médica de Hannover, continham pedaços plagiados. A instituição decidiu não revogar o título, alegando que o plágio não foi intencional.

Já a ministra da Educação, Annette Schavan, renunciou ao cargo em 2013, quando se descobriu que sua tese em filosofia defendida em 1980 na Universidade Heinrich Heine, em Dusseldorf, continha trechos plagiados. Não serviu de atenuante o fato de ela ter escrito o trabalho, cujo título principal era “Caráter e consciência”, em uma época em que o debate sobre má conduta acadêmica ainda era incipiente.

## Academia expulsa astrofísico por assédio sexual

**P**ela primeira vez, a Academia Nacional de Ciências (NAS) dos Estados Unidos expulsou de seus quadros um pesquisador acusado de assédio sexual. O conselho administrativo da entidade revogou a afiliação do astrofísico Geoffrey Marcy, líder de um influente grupo de pesquisa que identificou 70 dos primeiros 100 planetas descobertos fora do sistema solar. Marcy foi acusado de assediar ao menos quatro alunas entre 2001 e 2011, beijando-as e apalpando-as, quando era pesquisador da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e da Universidade Estadual de São Francisco. O escândalo afastou-o das duas instituições. Hoje, aos 66 anos, é diretor de uma instituição de pesquisa sem fins lucrativos, a Space Laser Awareness.

Em e-mail enviado à revista *Science*, Marcy negou ter agido com má intenção. “Sempre apoiei a igualdade de oportunidades e sucesso para mulheres na acadé-

mia e na ciência”, escreveu. “Meu estilo envolvente e empático com certeza poderia ser mal interpretado e assumo a culpa por essa comunicação deficiente. Mas nunca machucaria ninguém intencionalmente.” Sobre a desfiliação, informou que já não participava das atividades da NAS há cinco anos. A expulsão ocorre dois anos após a academia mudar seu código de conduta e incluir o assédio sexual entre as violações passíveis de punição. Em meados de 2019, a então presidente da NAS, Marcia McNutt, fez uma consulta aos membros da instituição e 86% votaram a favor da mudança (ver Pesquisa FAPESP nº 281). Há expectativa de que outros pesquisadores sejam expulsos, como o biólogo evolucionário Francisco Ayala, demitido da Universidade da Califórnia, em Irvine, em 2018, por comportamentos impróprios, entre os quais convidar uma professora-assistente a se sentar no seu colo.